

Um tanto de desconforto, um tanto de esperança no futuro

A Bit of Discomfort, a Bit of Hope for the Future

Prezados leitores, prezadas leitoras,

O presente número da Revista História Hoje marca a transição entre duas editorias, uma recém-saída, outra recém-chegada. Tudo conforme os rituais da boa disputa democrática, que envolveu duas chapas, e cujo resultado foi celebrado nas cerimônias acontecidas ao longo do 33º Simpósio Nacional de História, em julho de 2025, na cidade de Belo Horizonte. Transições de poder que respeitem a democracia não são acontecimentos tão frequentes como desejaríamos no país. Descontinuidades democráticas, nas formas de golpe ou tentativa de golpe, habitam com frequência maior do que o desejável a linha do tempo do Brasil, de muitas instituições dentro do país, e de muitos outros contextos pelo mundo afora. Tais questões são objeto da História e de seu ensino, e isso esteve refletido no tema do último simpósio nacional, intitulado “Os (des)confortos da História e os futuros do Ensino de História”. A Revista História Hoje enfrenta os desconfortos do presente — muitas vezes expressados na forma de ataques à docência em História — e se ocupa em pensar o futuro do Ensino de História, difundindo artigos acadêmicos, ensaios, resenhas, entrevistas, sugestões de atividades didáticas. A marca mais sensível dessa transição democrática está na assinatura conjunta deste editorial. A cada disputa eleitoral democrática, a ANPUH Nacional sai fortalecida, e nossa revista também.

Abrimos a revista com um dossiê dedicado ao tema das experiências etnobiográficas e suas conexões com o ensino de História, na forma de histórias vividas, pensadas e ensinadas. O dossiê foi organizado pelos colegas Luís Grosso Correia, Miriã Lúcia Luiz e Ticiane Pivetta Costa, cujas filiações profissionais expõem um importante movimento de diversificação com efeitos significativos para o campo do Ensino de História: pesquisador/docente estrangeiro,

pesquisadora/docente universitária e pesquisadora/docente da educação básica. O dossiê conta com apresentação própria, cinco artigos, uma resenha e uma entrevista. Seu leque temático interpela questões caras à História e ao seu ensino, como as noções de sujeito, tempo, experiência e poder, consistindo, pois, em uma contribuição relevante para o campo.

O número conta ainda com sete artigos de fluxo contínuo e uma resenha. Jonatas Roque Ribeiro e Wellington Carlos Gonçalves, em “Escritas da História escolar: pensamento educacional e saberes históricos no início do século XX”, exploram a figura do professor José Eutrópio, atuante na Primeira República, atuando em Minas Gerais na função de relator de compêndios escolares de História que se destinavam ao ensino primário. Os elementos levantados pelos autores acerca da vida profissional do professor José Eutrópio permitem não apenas entender seus modos e concepções para pensar escola, currículo e ensino de História, mas também nos sugerem usos originais de sujeitos com este papel intelectual como matéria de aulas nos dias de hoje.

Em artigo intitulado “A descolonização de saberes: a BNCC e o ensino de história na perspectiva decolonial”, Astrogildo Fernandes Silva Júnior propõe uma reflexão muito apropriada ao contexto atual de planejamento e docência de aulas em História, a saber, encontrar canais de diálogo entre as diretrizes da BNCC e elementos do pensamento decolonial. A busca de um ambiente democrático e emancipatório no ensino de História se alcança pelo enfrentamento da estreiteza de políticas públicas com estratégias buscadas em referenciais decoloniais, que privilegiam os conhecimentos resistentes, capazes de auxiliar na construção de uma sociedade mais justa.

Com inspiração em correntes teóricas que problematizam os processos de construção da consciência histórica, temos o artigo, de autoria de Arnaldo Szlachta, intitulado “O porquê de usarmos o conceito de historiador-docente nas pesquisas em Didática da História”. Ali se apresenta o conceito de historiador-docente, ancorado nas contribuições de diversos autores, buscando melhor entender as tarefas próprias da docência no ensino de História, que tanto busca construir sentidos sobre o passado quanto auxiliar no desenho dos projetos de vida futuros de alunos e alunas.

Em artigo intitulado “O Ensino de História materialista: os fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica”, Luiz Otavio Correa nos ajuda a entender o contexto histórico da emergência dessa modalidade pedagógica, seus embates

e enfrentamentos no campo educacional brasileiro. O entendimento da dinâmica dessa proposta pedagógica parte dos eixos que a estruturam, a saber: a dimensão ontológica do trabalho, a transmissão dialética do conhecimento, o domínio docente do conteúdo, a organização espiralar do ensino e a relação ensino-aprendizagem. Em tempos de ataques ao ensino de História, alimentados pelo fantasma do comunismo, a leitura desse artigo ajuda a entender a complexidade política do momento.

Viviane de Oliveira Barbosa nos brinda com o artigo “Cinema e Ensino de História: racismo, gênero e sexualidade em *Vênus Negra*”. Marcando uma tradição que acompanha todos os números da revista, desde o primeiro, esse artigo enfrenta nossa longa trajetória de sociedade racista e escravocrata e, a partir do referido filme, traça produtivas possibilidades pedagógicas para abordagem em aulas de História. Mais ainda, retoma os estudos já consolidados das conexões entre cinema e história, acrescentando novos conceitos e autores na fronteira com os estudos em torno da sexualidade.

Suzana Macêdo Nunes Gomes renova o compromisso acima indicado da revista com o artigo “Literatura infantil negra nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a Lei n. 10.639/2003 e a educação antirracista”. Aqui as novidades são de pelo menos três ordens. O primeiro é o foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental, quando a História ainda não comparece como disciplina isolada, mas há conteúdos históricos, e especificidades próprias da faixa etária. O segundo é a retomada dos estudos na conexão literatura e história, mas aqui de olhos postos na literatura infantil, que se produz em resposta a demandas ficcionais e imagéticas de foco muito particular. E o terceiro é o desafio de tratar de conceitos como racismo, preconceito e educação antirracista com crianças pequenas.

O conjunto de artigos se encerra com a escrita de Ivo Barbosa Neto e Viviane Guerrini, com o título “Narrativas indígenas em sala de aula: a HQ *Xon-daro* como ferramenta de resistência no ensino de História”. Esse artigo produz um necessário sentimento de desconforto, pois se articula em torno de quatro eixos: o conceito de narrativa decolonial, a representação dos povos indígenas como sujeitos históricos ativos, a persistência da imagem do “índio passivo” na historiografia tradicional e a crítica à exaltação dos bandeirantes no imaginário nacional. Esse movimento dá corpo ao conceito de resistência, de enorme re-

percussão no Ensino de História. Esses três últimos artigos compõem a seção **História Hoje na Sala de Aula**.

Luz Yehimy Chaves Contreras faz a resenha do livro de María Isabel Mena García, intitulado *¿Es posible África en la escuela?*, que integra a Biblioteca Afrocolombiana de las Ciencias Sociales. Tal resenha faz parte dos esforços de abertura da Revista História Hoje a publicações da América Latina, em temas que interessam diretamente ao Ensino de História brasileiro. Problemas que professores e professoras de História no Brasil conhecem bem, como a manutenção de narrativas racistas na trajetória escolar, a despeito de legislações que dispõem a obrigatoriedade de enfrentamento dessa situação, são aqui abordados a partir do contexto colombiano. Não se trata, no entanto, de apenas comprovar que nossos problemas são semelhantes àqueles enfrentados em outros países. Através da obra, conhecemos as estratégias que o contexto político colombiano produziu para enfrentamento de tais problemas, e ficamos sabendo da trajetória histórica do racismo naquele país, com semelhanças e diferenças para o caso brasileiro. A criatividade das práticas pedagógicas no contexto escolar colombiano nos ajuda a pensar as nossas práticas.

Entregamos esta edição da revista como um presente de Natal a toda a comunidade do Ensino de História, esperando que ela provoque bons desconfortos, que são aqueles que funcionam como mola propulsora à ação coletiva em nome do campo em todas as suas dimensões. Refutando imobilismos por meio da resiliente esperança em um futuro outro, radicalmente democrático. Seguimos para os desafios de 2026, alicerçados no compromisso inerradicável com a pluralidade de perspectivas e objetos que constituem o campo do Ensino de História.

Prof. Dr. Fernando Seffner (UFRGS)

Editor-chefe biênio 2025-2027

fernandoseffner@gmail.com

Prof. Dr. Marcus Bomfim (UFJF)

Editor-chefe biênio 2023-2025

marcus.bomfim@gmail.com